

INVESTIGAÇÃO DA PF

Uma manifestação pacífica

■ **300 pessoas participaram do ato, que percorreu o Plano Piloto**

● **Sionei Ricardo Leão**

sionei.leao@jornaldebrasil.com.br

No protesto que ocorreu ontem, em Brasília prevaleceu a cooperação entre manifestantes que querem a saída do governador Arruda e policiais militares. Os militantes, cerca de 300 pessoas, se concentraram em frente ao Setor de Diversões Sul (Conic) no início da tarde. Depois fizeram uma caminhada que percorreu a Rodoviária do Plano Piloto e a Esplanada dos Ministérios. Tudo de forma pacífica.

A PM só entrou em ação perto das 18h, no fim do evento, quando retirou da Rodoviária o líder do movimento Fica Arruda, Alessandro Álvaro. Ele estava discutindo com os estudantes da passeata. Os soldados decidiram transportá-lo numa viatura para longe do terminal, a fim de evitar problemas, ação definida como preventiva.

"Quando o movimento não é acéfalo (sem cabeça, sem comando), fica muito mais fácil", analisou o major PM Madureira. Ele comandou o efetivo de soldados, cerca de 100 homens, que acompanhou toda a marcha dos manifestantes. Na quarta-feira, ele foi um dos que tentaram negociar com os militantes a liberação do Eixo Monumental, antes da pancadaria que chocou a sociedade.

O major Madureira comparou as negociações de ontem com as que anteciparam a desocupação da Câmara Legislativa, na última segunda-feira. "Hoje temos contato com o pessoal que organiza. Tem até advogado, está muito melhor".

Era evidente a preocupação dos militantes em não provocar os policiais. Para evitar transtornos, representantes do movimento e da PM definiram que a passeata podia ocupar apenas duas das faixas da avenida. Quando uma ou mais pessoas deixavam essa área, os próprios manifestantes repreendiam.

"Pelo amor de Deus gente, vamos cooperar, volta para a faixa", gritava Roberto Nobre, de 40 anos. Segundo ele, o pensamento foi de não permitir qualquer pretexto que pudesse ser entendido como provocação pela PM. "Para não ter tumulto", complementou.

Ao deixar o Setor de Diversões Sul, a passeata circulou pela Ro-

GEYZON LENIN



No gramado da Esplanada, manifestantes se organizaram em filas para formar a palavra "fora", em alusão ao impeachment de Arruda

doviária do Plano Piloto. Lá, as opiniões dos comerciantes e frequentadores do terminal foram diferentes a respeito do ato.

"É muito irritante. Não concordo com esse barulho", protestou a fotógrafa Cássia Silva de Souza. A servidora pública Neuza Pereira viu a movimentação com entusiasmo. "Eu queria estar no meio deste povo, mas não posso por causa do trabalho". O comerciante Arnaldo Alves Cardoso também apoiou. "Eles estão corretos. Tem que protestar mesmo".

"FORA"

Quando a passeata chegou ao Congresso Nacional, as palavras de ordem passaram a incluir a atacar políticos como o senador José Sarney (PMDB-AP). Eufóricos, os estudantes gritavam que o movimento agora "vai mudar tudo no País". Eles formaram no gramado a palavra "fora" com os membros do protesto.

Hoje, de acordo com um dos organizadores do movimento, o antropólogo Paíque Lima, os militantes vão retornar à Rodoviária do Plano Piloto. Eles marcaram um ato às 17h, que foi definido como "carnaval fora de época". O evento vai satirizar os envolvidos na operação Caixa de Pandora.

SAIBA +

A Justiça inocentou, na noite de quarta-feira, a estudante Ingrid Cartaxo, de 20 anos, e o líder comunitário João Longuino de Souza Neto, de 37. Eles foram presos por tentativa de lesão corporal, na manifestação da quarta-feira.

Ainda será ouvido o professor João Ricardo Fonseca, que também foi preso durante a pancadaria. Ele alega que foi vítima, pois teria sido agredido pela PM.

O advogado do Diretório Central dos Estudantes (DCE) da UnB, Márcio Freitas, declarou que vai denunciar os supostos abusos. Disse que vai pedir ajuda à OAB e a entidades de direitos humanos.

Repúdio à ação da PM

O embate travado entre manifestantes e Polícia Militar, na manifestação realizada anteontem, em frente ao Palácio do Buriti, provocou reações de instituições como Ministério Público do Distrito Federal e Territórios (MPDFT), Central Única dos Trabalhadores (CUT) e Sindicato dos Policiais Federais (Sindipol), que divulgaram notas, ontem.

O MPDFT esclarece, na nota, que "desde as 14h do mesmo dia (9), as promotorias militares já tomaram as providências cabíveis, como a requisição de abertura de Inquérito Policial Militar junto à Corregedoria da PM, e estão colhendo informações para apurar os eventuais excessos praticados pela polícia".

A CUT repudiou a ação da Polícia Militar e dos soldados do Batalhão de Operações Especiais (Bope), que participaram da "cruel ação que feriu e prendeu diversos manifestantes que participavam do ato pelo impeachment do governador".

O Sindipol disse que a entidade estava indignada com os atos de violência e afirma que a PM agiu "sob o pretexto de garantir a ordem pública" e "impediu a livre expressão e pensamento". E ainda, "sob o pretexto

de garantir o direito de ir e vir", "determinou que os manifestantes fossem retirados dos locais públicos".

A nota, assinada pelo presidente Cláudio Avelar, diz que "enquanto policiais federais fazem um excelente trabalho de investigação, ajudando a limpar Brasília, através da Operação Caixa de Pandora, o Secretário de Segurança Pública, delegado da Polícia Federal Valmir Lemos que deveria impedir a violência, protege o governador Arruda, que o colocou no cargo".

O Sindicato pede o afastamento imediato do comandante e que seja instaurado "imediatamente o devido processo a fim de apurar as responsabilidades punindo os responsáveis". A entidade finaliza dizendo que "deveria determinar imediatamente o retorno de Lemos às atividades na Polícia Federal".

Estudantes da UnB denunciaram a ação da PM no MPDFT na tarde de ontem. Vídeos e fotos que registraram os excessos da PM durante o protesto fazem parte da documentação que os alunos entregaram aos promotores do Núcleo de Combate à Tortura e Controle Externo da Polícia.